

Estabilização duvidosa e sem base histórica

É possível estabilizar a inflação na faixa de 20% ao mês como pretende o ministro Maílson da Nóbrega? A resposta, para o professor Simonsen, é uma incógnita e ele tem pelo menos uma boa razão para achar isso: nem a teoria econômica é capaz de dar a resposta porque simplesmente não há nenhuma experiência internacional de algum país que sequer tenha tentado tal façanha. A ausência desse tipo de experiência nos anais acadêmicos também faz muito sentido na avaliação de Simonsen, porque "estabilizar a inflação em 20% ao mês é uma meta tão pouco ambiciosa que dificilmente algum formulador de política econômica ia anunciar-la".

Resposta não há, mas é possível elaborar modelos econômicos tentando provar a facilidade ou não da estabilização, todos, segundo Simonsen, sem nenhuma base prática. Dionísio Carneiro — que se confessa "por intuição" descrente quanto à possibilidade de estabilização — acha que a tentativa de manter a inflação numa faixa tão elevada tem pelo menos um custo: a instabilização do ministro da Fazenda. Ele descreve esse processo como o de um círculo vicioso onde a inflação fica temporariamente estável graças ao atraso no reajuste de um ou outro preço, ajudada pela sorte de que não ocorra a quebra de safra em nenhum produto agrícola e outros artifícios. O problema é que "logo, terão que devolver tudo que foi 'roubado' e aí a inflação volta, os salários são arrochados mais um pouquinho, num processo extremamente desgastante que acaba por instabilizar o ministro".

Rogério Werneck prefere nem entrar na discussão da possibilidade de estabilização da taxa de inflação em 20% ao mês. Ele acha que o fundamental é ter "um objetivo menos mediocre quanto à política antiinflacionária". A inflação, segundo ele, atingiu tal dimensão que "não pode continuar sendo empurrada com a barriga". O fundamental é derrubá-la violentamente, na tentativa de se alcançar a estabilidade dos preços.

A desorganização dos preços atingiu tal nível para Paul Singer que ele só vê saída através de um entendimento político para que toda a sociedade aceite reduzir os aumentos nominais de seus respectivos preços, incluindo os salários. "Qualquer industrial, qualquer comerciante ou sindicalista aceita reduzir nominalmente seus preços desde que lhe garantam que seus custos não aumentarão", argumenta Singer, defendendo a ideia de um pacto social que poderia ser no estilo mexicano. A coordenação de tal entendimento, no seu entender, só poderia ser conduzida pelo Estado, única força capaz de punir o "carona" que desrespeitar o acordo, beneficiando-se de uma redução de custos. Singer, porém, admite que o país hoje vive um "vácuo institucional" que dificulta o caminho para esse tipo de solução.